



O MEIRINHO

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 300

Domingo | *Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta* | SERIE
2 | *Typ. a 16000 réis por uma serie de 4 números* | 66.*

O MEIRINHO.

Fortaleza, 2 de Setembro de 1883.

NEGOCIO GRAVE.

O Meirinho tem a honra e o prazer de comunicar aos seus apreciáveis leitores-assignantes, e aproveita a oportunidade para comunicar-lhes que já mandou o seu cobrador à rua, afim de receber aquillo com que se compram os meões, isto é: os cobres da assinatura, fallando mais portuguezmente.

Os leitores muito bem sabem — que sem dinheiro nada se faz n'esta vida, onde tudo é movido por elle, ou tudo — cheira a azinhares e na phrase do classico João Barbado.

E a prova é que sem dinheiro não se compra o papel em que o Meirinho é impresso, nem o impressor quer fazer a sua tiragem, e nem tão pouco o distribuidor quer ir fazer a sua entrega, porque, dizem elles—

*Fiado lhes dão penas,
Além de penas — cuidado,
E p'ra não andarem soffrendo
Deram como pão no fiado.*

Por isso, e pelo mais que dos autos consta, vão preparando logo a herva-sondona, que é para andarmos em dia e em boa paz.

Nada de amollar-nos o cobrador, e a nossa santa paixencia!

Aquelle que assim não fizer — terá o seu presente no album da critica ou na galeria do povo, em prosa ou em verso. Ex: o Claudio e T. Olegario.

Sirva isso de prevenção ou lembrança, afim de mais tarde não cantarem—

*Si eu soubesse qu'era assim
Não assignava o Meirinho,
Para agora está tossindo,
Sem achar um só padrinho.*

Já vêem os leitores que não queremos

briga com Ss. Ss., de quem folgamos ser — amigos, etc., etc.

Não queremos briga, sim, porque—
 « Brigam as comedres,
 « Descobrem-se as verdades. »
 Temos dito.

LITTERATURA.

SIM ? ..

Zangada ?.. Anjo, não criejo !
Que tens, moreninha bella ? ,
Fugir não deixe do seio
A dor que te de, dôbzella !

O meo tão sentido plainto
Me vem, creaça, apagar,
E as teclas d'este leo canto
Deixa-me, louco, beijar !

Não te entri teças, miragem
Ditoza, bella vizão ! ..
Pois si é a tua imagem
Cravada em meu coração ! .

Ai, não negues, moreninha ! ..
Oh! me farta este desejo !
Propri, dou a vida miucha
Por de tees labios — um beijo !

Setembro 83.

Trosac.

ALBUM DA CRITICA.

RISCOS E TRISCOS.

Ridendo dicere quid verum ritat!

Leitores do Meirinho! — Licença p'ra um.

Licença p'ra um, sim, p'ra um que quer falar ou dizer couzas, e couzas mesmo do arco da velha.

Este dito.

Licença p'ra um, leitores,
P'ra um que estende o veio

Fulta até de sua vida
Quanto mais da vida alheia.

§

Começemos por aqui.

A nossa via-ferro de Baturité vai fumaça — com a direção dos Srs. Lassance & Flagars

Voe... voe... e voe mesmo.

Não é por querer falar mal, naõ; mas, na marcha em que está vai — nem reza do padre Zé Pereira a salvo.

O *Libertador* tem dito boas coisas sobre a estrada; porém —

« É malhar em ferro frio,

« É temer contra a maré. »

Os homens são grandes, podem fazer tudo e os canudos, e naõ há quem lhes vá ao bojo.

E a prova é que além de tudo e do mais, o Sr. de Lassance acaba de encalamechar na estrada um seo filhote, sem a menor necessidade d'elle só.

Dá-se d'isto! ..

Quem fôr filhote aproveite

Esta quadra boa e bela!

Seu Lassance! — Em quanto venta

Vá deitando água na vela.

§

O Arraz está feito um sultão!

Segundo dizem, tem em sua cesta grande numero de favoritas, taes como: a Roza do Acoráhú, a Maria do Nogueira, a Maria Josefina, uma pequena da Piamente e mais outras e outras mais.

Está bem, se naõ o roubarem.

E porque naõ, se a gaveta do patílio está a sujíssima! ..

Quem já viu e não vê

O grande juiz de paz

Dá-lhe como eu vou dizer:

— Este Arraz é outro Arraz.

§

Não ha quem naõ queira ser poeta, muito embora a custa dos outros.

Quantos naõ temos aqui, que vivem a encher os jornais com bonitos versos, os quais só têm de seu — o nome, — e mais nada!?

Não se conta,

E a prova está no R. Simões, que pegou a poesia de um Sr. João Alberto e ofereceu-a a uma sua Joanninha, como de sua lava.

Que cynico!

Este seo R. Simões

É rapaz estabanado:

Quando publica um versito

Ou é alheio ou furtado.

§

Por falar em verso, leitores, lá vai verso também; porém estes — são meus, e são meus mesmo.

Apreciem.

Na rua do Senador

Em elas gente se vio,

Porque o jornal Meirinho
Com gente boa — bolio.

Da Cadeia ao Calçamento

Digo: Praça de Pelotas —
Muita gente fez fiasco,
Ramecheram se as cocotais.

Uma velha muito velha,
Magra, qual cobra d'água,
Fizera a Deos um protesto
De naõ mais — alcovitar.

O nosso José Rufino,
Amigo de seo Simões,
Chegou perder té as chaves
Com que tranca os corações.

O sobrinho do Cordeiro,
Menino bom p'ra namoro,
Depois que lê o Meirinho
Andou mesmo em dezadoro.

Uma menina fogosa,
Que namora — à pé de gallo,
Depois que lê o beliga
Sentiu no corpo um abalo.

Outra naõ menos badeja,
Namoradeira d'estouro,
Vendo a couza um pouco feia
Quasi que acaba o namoro.
Afinal, choros, leitores,
Para nós, aqui baixinho:
Houve o diabo á quatorze
Por causa do tal Meirinho.

§

Outro barulho naõ pequeno fiz também o peduginho do sumo.

As senhoras mascadeiras deram mil diabos ao Sr. Justus, que disse justamente o que devia, pois nada ha mais nojento e indecente do que uma moça levar o dia e a noite com uns bons toras de fumo na boca, fazendo disso o seo melhor recreio.

Não censuro que uma moça limpe seus dentes ou zele a sua boca... Isto, nunca! Porém, que viva toda lambuzada de fumo... é porcaria.

Achei muito justo e justissimo o que disse o Sr. Justus; e que elle acabe com esse vicio tão indecente — é quanto eu dezojo.

Deos permitta que elle tambem se lembre das fumadeiras.

*Seo Justus, por su'alminha,
Ao acabar com as mascantes,
Preste mais outro servizo:
E acabar com as fumantes*

§

Um pedaço de ouro, leitores.
Ouço lá:

— Ah! *Meirinho* de todos os diabos
que desmauchastes os meus cálculos!
(Assim dizia uma fogarei da Baixa Vista
uma sua conhecida.)

— Porque, mulher?

— Ora, porque?! Porque fez buzentar-se d'aqui o Manecinho, que estava
qui na jacuman.

— E elle não vem mais?

— Vem; porém me aula um pouco
arisco... tem gaziado... parece que
anda com medo de fogo.

— Aquillo é mesmo um Mané.

— Por isso mesmo é que eu desejava
pegal-o! Tem bom genio, e dava para o
que eu queria.

— Era mesmo. Aquillo dava para um
bom marido.

— Era um marido mesmo à geito; e
se não desse na forma dos pascientes —
eu dava-lhe cá as dedicas competentes,
e elle ficava masicio como lã de cagado.

— Mas elle não voltará?

— Ha de voltar, muito embora a avó
d'elle não goste de nós.

Ou volta ou Santo Antonio — tosse
na peia.

Tendo ouvido tal conversa
Vou dizer aqui p'ra nós:
O pobre do sarue
Está, mas em más lençóes.

§

Bilhetinho amorozo

— Seo Claudio, cara de choro,
Typo de burro coiceiro,
Venha pagar o dinheiro
Que você deve ao Meirinho,
Do contrario, seo safado,
Treatrei de sua conquista
Da rua da Boa Vista,
Qu'é soberbo pedaçinho.
Entrarei em tua vidóca
Mesmo de pé espalhado,
E o teo todo desbrido
Porei no olho da rua!
Veja qui pôde; seo bruto,
Me poupar desse trabalho,
Sindo eu rango o baralho
E a desgraceira é só sua.

§

Recados á mea bem.

Seo Theofilo Olegario,
Cara de forma de telha,
Por vida de sua velha
Venha pagar ao Meirinho!
Ninguém aqui está disposto
A tolerar — estradeiro!
Vamos! Bulla com o dinheirol,
Deixe de ser safadinho!
Quem quer ser bom assignante,
Sei cara de Pae Ventura,
Não pede uma assinatura
Para depois não pagar!
Por isso, seo Olegario,
Já que assignou o Meirinho,
Bulla com o santo cobrinho,
Sindo tem que si amollar.

§

É muito dezaforo, e dezaforo grosso —
pedir se uma assinatura do Meirinho e
depois não querer pagar!

É!... e é mesmo!..

Porém, certos canalhas estão enganados,
porque hei de comer-lhes o coiro
mesmo à pé de gallo, sem distinção de
côr ou categoria.

Quem não pagar a assinatura,
Esteja finda ou não finda,
Pôde já considerar-se
Como dentro da Berlinda.

§

Estes miranhas saõ muito canalhas.
Desde a reeleição do Rodrigão, o mi-
nistro invalido, que elles insultam com
os minús, é quem atribuem e sustentam
— que fizeram guerra ao cujo dito.

Ainda no Cearense N.º 183 lê se o se-
guinte:

« O Dr. Jaguaribe Filho foi sustenta-
do em sua candidatura por todo o partido
conservador e até por algumas influencias
liberaes d'aqui, as quaes não foram aten-
dididas no 4.º distrito. »

Sabem os leitores quem são essas — in-
fluencias liberaes d'aqui — de que fala
o zumbu do Xico Preto?

— São os minús, os minús sómente!

E a gente da *Gazeta do Norte* aguenta
estas e outras chufas das miranhas e sin-
du vem com meias palavras!...

Ou gente ruim!... Parece que tem
sangue de barata!!

Crido!

Seo Accioly não tem
Arrancos de lobishamem;
Metta os pés na sua gazeta!...
Mestre sustancia de honiem.

§

Vou dar com o basto, leitores, pois o
Theotonio disse-me que não ha mais es-
paço.

Tenho dito, meos leitores,
E mais tinha que dizer;
Mas porém fica p'ra logo,
Ou quando eu apparecer.

O Frade.

GALERIA DO POVO:

MOTTE.

Moça trintona é titia.
Levou o tiro da macaca.

GLOZA.

Quem ama — tem sympathy
A ser bem — seja um caçao;
Ladrão badejo é barão,
— Moça trintona é titia!
No matto corre a cutia,
Bezerro é filho de vaca,
Caza de panno é barraca,
Rapaz que luxa é pelintra,
Quem não caza tem os trinta —
— Levou o tiro da macaca.

Agosto — 83.

Laffite.

+

OUTRO.

(A D. E.)

A moça que tem juizo
Não se caza com o Arroz.

GLOZA.

Dar conselho não preciso,
Acho te desnecessario,
Pois não faz couzas de vario
— A moça que tem juizo!
Ela não tem prejuizo,
Ama a quem bem lhe apraz,
Seja um André, seja um Braz,
Um Ramão ou Zé Urú...
Potém... nem por Belzebul —
— Não se caza com o Arroz!

Fra Diavolo.

†

De pé de gallo / .

Outro dia Mariótas
Conversava n'ós comigo,
Fiz lhe, então, certos protestos...
...migo...

Tirei lhe o carmim dos labios
E um cheiro... assim... encontrei...
Grande couza maltraciada!
Passei a mão repunhei.

X.

À PEDIDO.

O VICIO.

Em vista de algumas moças das ruas do
Senador Pompeu e Formosa haverem pro-
metido-me largarem a *mascara do Bae-*
pendim, rezolvi esperar mais um pouco,
para ver se fazem ou não.

O desengano da vista — é furor os
olhos.

Justus.

— —

Ultima hora.

De novo voltamos aos *montões* de na-
moradas e alcoviteiras da tua do Senador
Pompeu de que falamos no N. passado.

Em vista de sabermos que muita gente
ficou em dúvida, vamos pôr bem patente
quem são as *cynicas* namoradas e alcovi-
teiras de que falhamos.

As namoradas — são aquelas que,
desbragamente, se entregão de corpo e
alma nos *figurinos da moda*, pensando
que por este meio facilitão mais o *caza-
mento*; quando não fazem mais do que
exibirem no ridículo, e servirem de *diver-
timento aos cujos ditos*.

Tenham vergonha na lata, moças!

As alcoviteiras, porém, — são aquelas
que fazem de sua caza *carto de bilhas*
alheios, ou mesmo suas, fazendo disto
uma especulação vil e miserável, causando
muitas vezes a ruina de uma família, a
perdição de uma moça e a desgraça de um
rapaz!.

As *typas* que representam um papel tão
infame, que fazem uma especulação tão
vergonhosa, devão ter a sorte que tiverão
os *caftens* no Rio de Janeiro, ou irem
passiar em Fernando de Noronha!

Miseráveis! tenham critério e dignida-
de!!

Até o seguinte numero.